

PODE O DIZER REALIZAR O ATO?

RUWER, Taís Graciele Linassi¹

Palavras-Chave: Linguagem. Performativo. Ato. Austin.

O artigo analisa a relação existente entre palavra e ato na obra de Austin. Esta temática constitui-se no enfoque central de nosso estudo que objetiva verificar a validade da proposição de Austin que afirma ser possível demonstrar pela análise formal da linguagem que dizer, sob determinadas circunstâncias, é fazer. Para tanto, utilizamos uma metodologia qualitativa do tipo revisão bibliográfica, isto é, desenvolvemos uma análise textual, temática e interpretativa da obra do referido lingüista. Verificamos que o autor dedica-se a apresentar sua leitura da questão pela via do debate formal – gramatical – acerca da classificação do que é designado por declaração, para apresentar um novo conceito, um tipo particular de proferimento que não se enquadra como uma descrição nem como uma constatação de um fato, a saber, o *performativo*. Para o autor existem sentenças, que ao serem proferidas nas circunstâncias apropriadas, não descrevem o ato que se estaria praticando ao dizê-las, não declaram o que se está praticando. Proferir tal sentença é fazer o ato. Ao dizer “eu batizo...”, eu prometo...” ou “eu aceito ...” não se está informando acerca de um batizado ou casamento, não se está declarando uma intencionalidade, se está de fato, no proferimento realizando o ato. É especificamente este tipo de proferimento que é designado pelo autor como performativo. Conceitualmente, podemos afirmar que um proferimento é performativo quando dentro de circunstâncias apropriadas é dito algo que não é nem verdadeiro nem falso, nem descreva ou relate um fato, mas que em si é a realização de um ato. Austin critica a tendência de se pensar o proferimento como mero sinal ou expressão externa visível de um ato interior e espiritual. Trata-se, antes, de uma questão ética. Ao se prometer (ou ainda apostar, casar), não se está simplesmente declarando uma inclinação interna. Trata-se, ao proferir palavras como “eu prometo...” de assumir um compromisso com o interlocutor independente de qualquer inclinação interna. Se o contexto (circunstâncias) é apropriado, as intenções interiores de não cumprir o que se promete não anulam a promessa. Se digo que “eu prometo...”, mesmo que não pretenda cumpri-lo, ainda assim o ato se realiza ao proferir estas palavras. Do mesmo modo, ao dizer “eu aceito...”, sem ter a intenção de cumprir com o acordo matrimonial não anula o casamento. Concluímos, através da análise da concepção de Austin que, nesta perspectiva, dizer não é mera expressão de algo, mas é realização do ato.

¹ Aluna do Curso de Filosofia da UNIJUI. tais.ruwer@unijui.edu.br